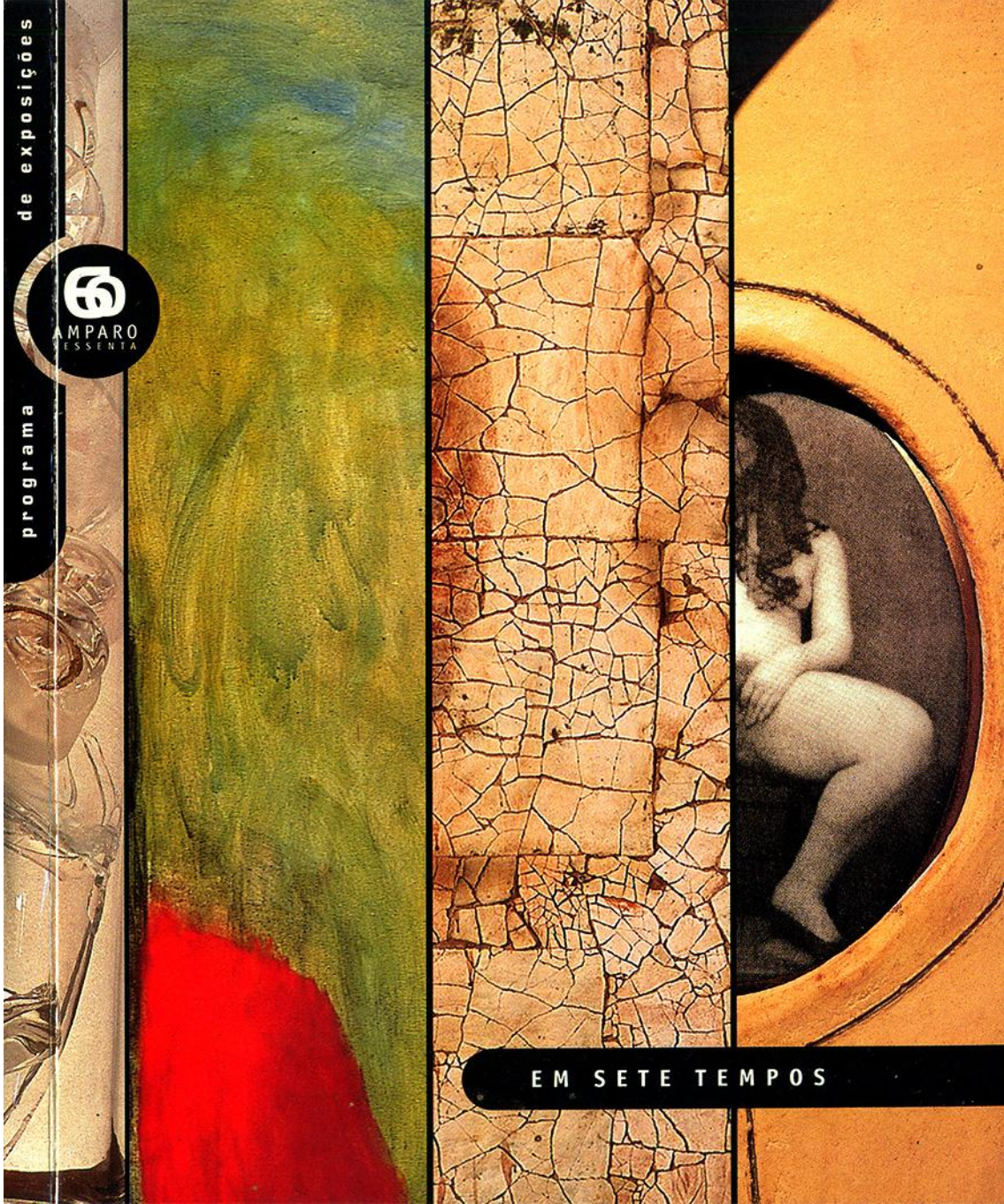


de exposições

programa



AMPARO
ESSENTA



EM SETE TEMPOS

● AMPARO SESSENTA GALERIA DE ARTE

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO

segunda a sexta das 10h às 18h

sábado das 9h às 13h.

Av. Domingos Ferreira, 92A - Recife - PE

tel/fax (81) 3325.4728

www.amparo60.com.br

e-mail amparo60@uol.com.br



O PROGRAMA AMPARO SESSENTA DE EXPOSIÇÕES, finalizando sua primeira edição, apresenta a mostra *Em Sete Tempos*, uma coletiva que se justifica pela oportunidade de sintetizar a intenção maior do nosso programa: tornar acessível a produção contemporânea da Cidade do Recife, registrando-a adequadamente e possibilitando sua maior difusão em todo o território nacional.

Idealizado e coordenado por Lúcia Santos, galerista e divulgadora cultural de grande sensibilidade que se apóia, sempre, no propósito de desenvolver um mercado de arte solidificado pela qualidade do produto artístico que se apresenta, o *PROA60* realizou, com esta coletiva, um conjunto de cinco exposições, sendo as quatro primeiras individuais, deixando seus catálogos como legado de uma ação pioneira em Pernambuco.

Se atualmente a persistente crise da arte contemporânea, seja por falta de espaços expositivos capazes de darem vazão à produção, ou mesmo pela inexistência de mecanismos que permitam sustentabilidade à pesquisa artística, agrava-se ainda pela dificuldade de comercialização, pode-se dizer que a criação de um programa de exposições nos aponta algumas soluções possíveis. E é justamente por esta visão *de um futuro melhor* que a *Amparo Sessenta Galeria de Arte* redobrá os esforços para dar continuidade ao trabalho que vem desenvolvendo, graças, também, ao apoio do Sistema de Incentivo à Cultura do Estado de Pernambuco.

Escolhida para finalizar o nosso Programa, esta mostra coletiva contará com a participação dos artistas: Alice Vinagre, Cristina Machado, Joelson, Mauricio Silva, Marcelo Silveira, Gil Vicente e Roberto Lúcio. Contará, também, com a análise da crítica de arte Maria do Carmo Nino, que encontrou no tempo e na sua instabilidade uma possibilidade de abordagem sobre os diversos trabalhos que encontraremos expostos. São pinturas sobre tela, barro sobre tela, desenho e pintura sobre papel, escultura, composições, experiências. Apesar da grande diversidade poderemos encontrar em todas elas um ponto em comum e, na verdade, um ponto bastante ausente na produção atual que, por sua vez, alguns críticos, como Paulo Sérgio Duarte, andam reivindicando: a entrega primeira da obra de arte pela visualidade pura. Em outras palavras, são trabalhos cujo princípio maior é conquistar, não à exaustão, mas pela paixão, e em alguns casos, pelo amor à primeira vista.

Deste modo encerraremos a primeira edição do *Programa Amparo Sessenta de Exposições* esperando ter, de fato, contribuído para a educação através da obra de arte, na tentativa de devolver um pouco da dignidade perdida pelo olhar do homem contemporâneo, ajudando-o na construção da sua memória visual e afetiva, como mecanismo de identificação com a sua gente, e com o que se fez de significativo em sua terra.

*O Tempo, esta imagem móvel
Da imóvel eternidade*

O mais belo enigma de todos e o principal desafio com o qual a arte vai lidar é a possibilidade para as coisas que existem de serem amadas infinitamente.

A maneira direta ou indireta com a qual os sete artistas desta exposição vão se confrontar a este desafio, é inspiradora desta abordagem.

Para Alice Vinagre a pintura começa no ponto onde se perde o fio — temos a evocação do labirinto: uma afluência de caminhos nos quais o tempo diminui, se multiplica, se perde, se segmenta, se depõe. Como braços de mar, estes traçados se separam, se cruzam, afluem como braços de tempo esparsos. São concebidos tendo como essência a inscrição no menor espaço possível do encadeamento mais complexo de caminhos e agem como retardadores da chegada do viajante ao centro que ele quer atingir, suspendendo ao máximo a identificação iconológica, a conclusão narrativa. É a caça que é criadora, o que importa é a viagem, à condição que seja este caminho desnordeante, a lhe dar forma e direção. O que nos faz obstáculo, nos revela a nós mesmos.

Em Maurício Silva, referências, influências, memória, herança, passado, presente. A obra é tempo, e tempo de alteridade: nela o tempo se anuncia. Nosso tempo é tão heterogêneo a todos os tempos, o presente marca uma tal ruptura para o artista hoje, que ele é incentivado à dar as costas ao que ele aprecia no passado — apesar do fato de que ele nos é

estranhamente contemporâneo — e viver a angústia da influência. Trata-se também de ver no pensamento contemporâneo algumas das marcas das travessias subjogadas a seus quase desaparecimentos temporais. Estes trabalhos a sua maneira operam uma espécie de economia do tempo: jogo com a memória (pessoal do artista, mas também coletiva) permitindo telescopagem com várias épocas. A época aqui põe e se expõe.

Marcelo Silveira há algum tempo se apropria indiscriminadamente de símbolos de famílias diversas, que na marcação do gado passam de pai para filho, sendo que a cada geração o tronco permanece e algum detalhe da marca é incorporado para fazer alusão ao novo. Tradição, continuidade, ruptura, necessária criação. Tudo aí se insere. Como em *Armazém República*, vitrine e evocação da sua própria herança familiar, onde projeta sua preocupação com a memória, com o passado, e com a sua necessidade vital como artista e homem de se defrontar com ele. Parece nos dizer que não é tarde para nos liberarmos de uma visão perspectivista da história — familiar ou coletiva — em proveito de uma visão pluri-axial, multi-focal. O passado não sendo proibido, o futuro se abrirá em vários fragmentos, dando origem a novos eixos.

Em Gil Vicente, parecemos perceber que o tempo em pintura difere do tempo para o ser humano. O pintor pode inclusive nascer em idade mais madura, precisamente quando está em melhores condições de observar o fogo que o cega. A invenção de um pintor é coisa secreta, exprime uma época, um mundo, um estado de sensibilidade tão mais forte quanto difícil a

expressar em palavras. Merleau-Ponty nos disse: nenhuma pintura acaba com a pintura. A pintura está no presente. O presente do quadro confundido com aquele do seu observador. O agora do passado da pintura, cuja história não cessa de ser continuamente refeita pelo próprio tempo presente e pelo artista: é o presente da pintura que se faz, fazendo-se sem cessar. Se para o que estuda a história o hoje nasce de ontem, para o criador, o artista, ontem nasce de hoje.

A matéria com a qual trabalham Joelson e Cristina Machado é sedutora: o barro, a cerâmica. Exatamente porque opera a partir de materiais primordiais como terra, água, ar e fogo, a cerâmica não pode deixar de estar ligada a uma certa forma de expressão primitiva, brutal. O cozimento efetuado hoje a partir do forno elétrico, modificou consideravelmente os procedimentos e os resultados obtidos antigamente, indo de ritmos térmicos à vitrificação.

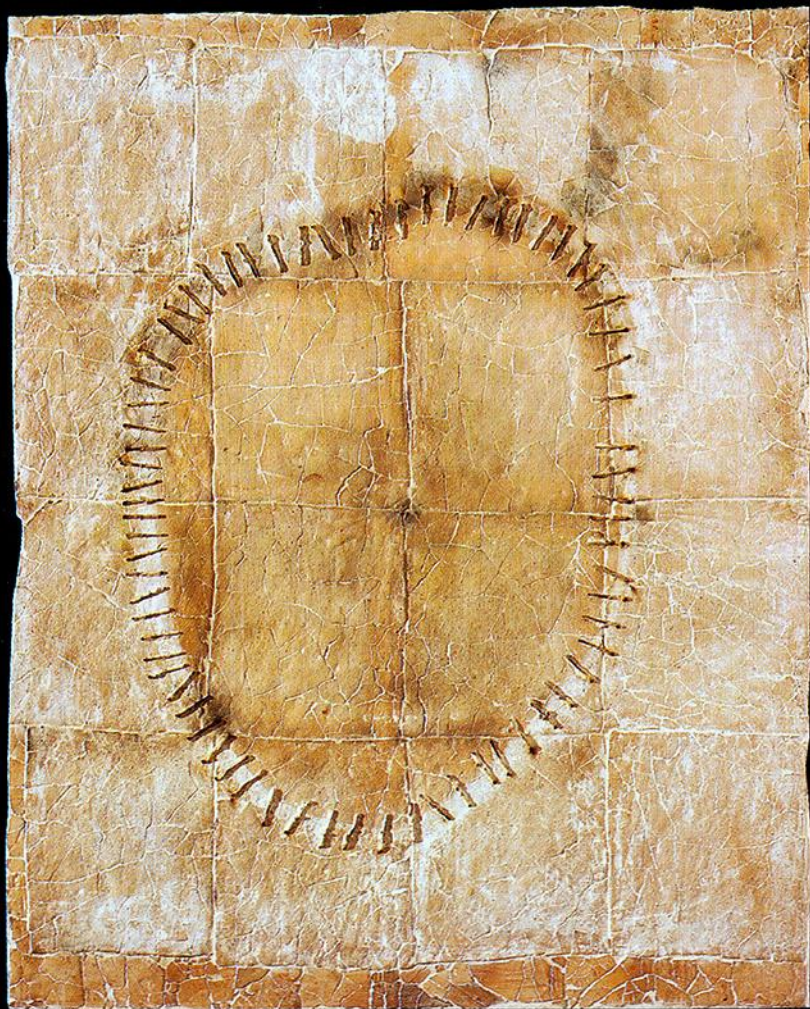
Mas uma das razões desta sedução se acha nas características contraditórias do fogo, etapa primordial pela qual elas são feitas. Como nos ensinou Bachelard, brilha no Paraíso, queima no inferno. Doçura e tortura. O fogo é cozinha e apocalipse. Ele é tanto princípio de contração, quanto de dilatação, como nos faz lembrar o coração da obra de Cristina.

Estado de tempo em ritmo constante, de pulsação, de vida. O ritmo é a organização de uma forma de vida, de uma força de vida, em forma de linguagem, organização pelos olhos, para os olhos, pelas mãos, ao tornar-se uma pintura, uma escultura, ou uma série delas, como em Joelson.

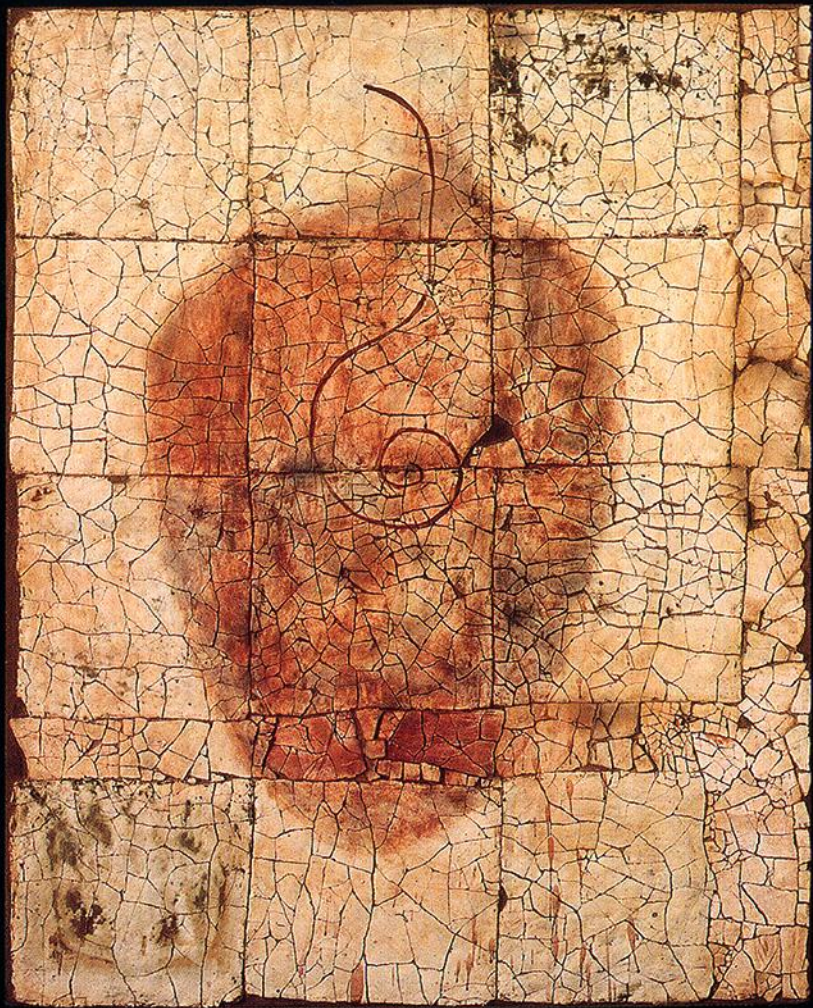
Em todas as obras do corpo, da dança do corpo à do pensamento, nunca podem ser ressentidas e percebidas fora da noção de ritmo. De ritmo à ritmo. Embora este ritmo possa também estar ligado à memória que se impregna na matéria. O saber que se faz evocar às vezes violentamente, ou também estando esta violência oculta: escrever, figurar, granular, suturar, quebrar, deixar traços, não têm nada de gestos inocentes, ou divertimentos fúteis.

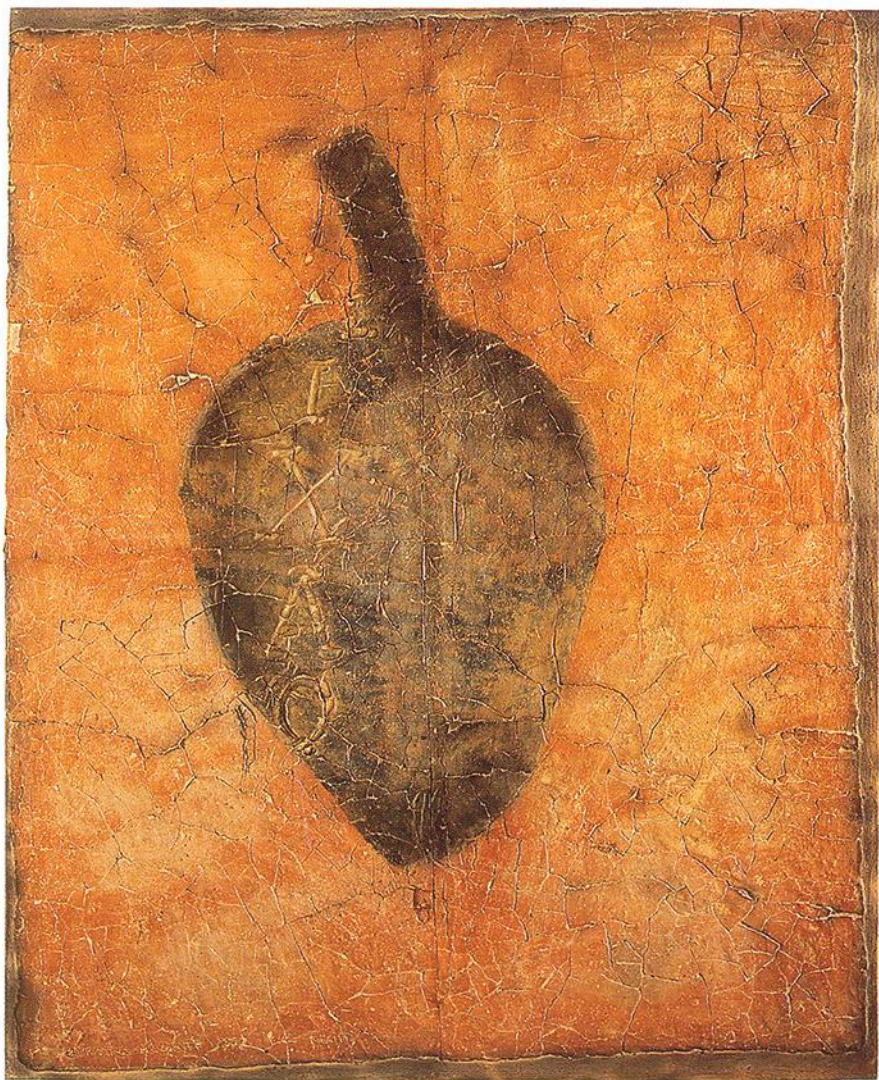
Roberto Lúcio trabalha com repetições diferenciadas, cadências. Se inscrevem naturalmente no tempo. Tempo importante de produção das peças que compõem o quadro. Tempo de decalagem onde as peças são produzidas e serão mostradas, em uma ordem totalmente diferente. No ato de mostrar, a luz introduz o tempo nos quadros. Ela o torna a cada momento infiel a ele mesmo e ao olhar que pretende fixa-lo, imobiliza-lo, possui-lo: ela o deixa viver, o mesmo que dizer ela joga com ele. Um jogo de vida e de morte também, pois todo tipo de inscrição talvez seja ligada de certa maneira à morte daquele que a realiza. À abolição do suporte que ele utiliza. Na sua obra a evocação da deterioração está presente. Imitamos a morte para evita-la. Nós a antecipamos para afasta-la. Exorciza-la.

A percepção do tempo é uma dimensão humana e, simultaneamente a este fato, essencial ao Homem. Somos seres temporais, no sentido em que existimos e deixamos de existir inseridos na concepção do tempo, condição da qual não conseguimos escapar.



Da série *Seis momentos de 1 coração* | 2002 | lâmina de cerâmica sobre madeira | 105 x 85 x 3 cm







CRISTINA MACHADO

Belem-PA, 1957. Radicada em Recife desde 1959. Conheceu a cerâmica no início dos anos 80, passando a utilizá-la dentro das artes visuais em 1993.

PRINCIPAIS EXPOSIÇÕES

1976. *Salão de Arte Global* – MAC – Recife-PE

1982. *Salão dos Novos* – Recife-PE

1987. *Salão de Arte Contemporânea de Pernambuco*

1994. Individual *Cerâmica* – Fundaj – Recife-PE
Coletiva *Cerâmica* – Feira de Nancy – Nancy – França

1996. Coletiva *Cerâmica* – Galeria Dumaresq – Recife-PE

1998. *Coletiva de Cerâmica* – NAC – João Pessoa-PB

1999. *Gambiarra* – Galeria Debret – Paris – França

2000. *Salão de Arte do Pará* – Belém-PA
Coletiva de Arte – CBB – São Paulo-SP
Gambiarra – Galeria Amparo 60 – Recife-PE

2001. *Salão de Arte do Pará* – Belém-PA

2002. *Em Sete Tempos* – Amparo Sessenta Galeria de Arte – Recife-PE

OBRAS PÚBLICAS

1997. São Pedro de Alcântara – Floriano-PI

1997. São Sebastião – Uruçuí-PI

1998. *O Beijo* – Pátio de Esculturas do Shopping Center Recife

Rua Águas Belas, 53 - Torre
50710-320 - Recife-PE

Idealização | Lúcia Santos

Realização | Amparo Sessenta Galeria

Coordenação geral | Aluizio Câmara | Lúcia Santos

Produção | Graça Azevedo | Josane Cabral

Montagem | Gilvanildo Francisco da Silva | José Maciel da Conceição | Antônio Baccaro

Divulgação | Joseane Fonseca

Monitoria | Carolina Raia | Taciana Coimbra

Assessoria de imprensa | Intermeio Comunicação Integrada

Texto crítico | Maria do Carmo Nino

Texto de apresentação | Aluizio Câmara

Projeto gráfico | Aurélio Velho & Luciana Calheiros

Fotografia | Luiz Santos | Flávio Lamenha (Foto de Gil Vicente)

Impressão e fotolitos | Gráfica e Editora Flamar

Convidado especial | Antonio Dias

Apoio | La Lampe | Licínio Dias & Cia | Nordeste Segurança de Valores | Tintas Coral

Agradecimentos | Ângela Guimarães

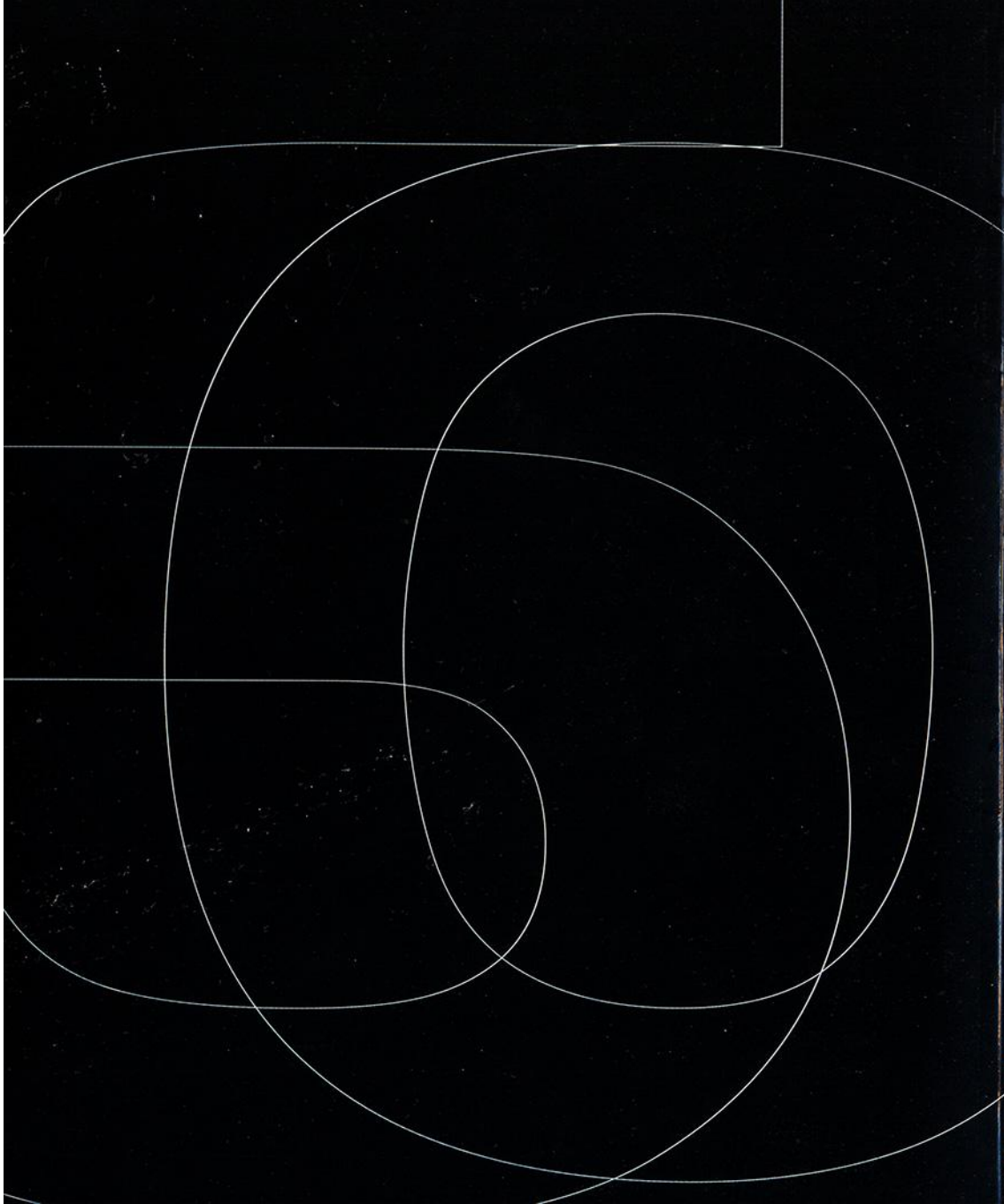
Este catálogo foi produzido em abril e maio de 2002, a fonte utilizada foi *ITC Oficina Sans*. Foram impressos 1.000 exemplares em papel couché 150 g/m², para o miolo, e couché 240 g/m², para a capa.



Vivendo sem fronteiras



**Sistema de
Incentivo à Cultura
de Pernambuco**



ENTRE A SURPRESA E O QUE SE ESPERA
Marcelo Silveira

20 de junho a 27 de julho de 2001

1

CATÁLOGO DE INUTILIDADES
Maurício Castro

13 de setembro a 20 de outubro de 2001

2

PEDRA, HOMEM E PENSAMENTO
Rinaldo

30 de outubro a 23 de dezembro de 2001

3

REPETIR, REPETIR, REPETIR
José Paulo

20 de março a 4 de maio de 2002

4

EM SETE TEMPOS
Coletiva

15 de maio a 15 de junho de 2002

5

